

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 25 - número 50 - outubro 2016

vol. 25 - número 50 - outubro 2016

Fundação Eng. António de Almeida



Com o presente fascículo a *Revista Filosófica de Coimbra* perfaz o seu número 50. Vinte e cinco anos de publicação tempestiva, mais de doze mil e duzentas páginas acolhendo e dando pública voz à filosofia que se vai meditando entre nós ou no estrangeiro, pois como os nossos leitores mais fieis sabem bem a *Revista Filosófica de Coimbra* tem-se sabido – e querido – manter aberta às vozes europeias ou de quaisquer outros continentes desde que nelas ressoe a profundidade, a actualidade ou a erudição filosóficas. A invulgar parceria entre o «Instituto de Estudos Filosóficos» da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a «Fundação Eng. António de Almeida» não é só uma figura que nos deve dar a todos que pensar, pela ousadia, inteligência e coragem do gesto que outrora àquela deu origem. Uma tal parceria representa também – melhor dizendo, enfatizando: ela continua e continuará a significar – o que de melhor se pode fazer, em Portugal e em Coimbra, no âmbito desta disciplina que das praias da Jónia nos habita secularmente, sempre em baixo contínuo (i.e. numa linha que segue do princípio... ao fim), graças à aliança entre o pensamento gracioso e a inteligência estratégica quando esta é tocada pela sensibilidade humana. Todo aquele que vive a *ágora* filosófica dos nossos dias, todo aquele que a atravessa com a preocupação do presente, todo aquele que a contempla com o olhar enriquecido pelas figuras plurais da tradição, todo aquele que a interroga de um lugar – como o do futuro – em que as perguntas mais inquietas nos encham as mãos de respostas inacabadas, todos nós, enfim, os leitores da *Revista Filosófica de Coimbra* sabemos que em tão sagaz e feliz parceria conflui tanto o que de melhor se vem pensando quanto tudo que ainda resta fazer. Como não podia deixar de ser esta exigência de nunca defraudar patenteia-se também no fascículo presente em que damos público eco à diversidade temática que sempre nos caracterizou, abominando escolas paroquiais, mas fazendo a escola que radica na liberdade de uma autêntica faculdade de Filosofia, tornando-se dela verdadeiro apanágio e bandeira da permanente vigilância sobre o tempo que nos chega, tal como nos chega. Da ética das plantas à abordagem conceptual relativa ao

vasto universo da terapia; da antropologia jesuíta ao *Tractatus* de Wittgenstein; da analítica existencial de Heidegger ao pensamento social de dois intelectuais conservadores brasileiros, Francisco Campos e Oliveira Vianna, passando por Isaac Abravanel. Assinam estas contribuições, respectivamente: Michael Marder, Edmundo Balsemão Pires, Maria da Conceição Camps, Henrique Jales Ribeiro, Paulo Alexandre Lima, Roberto Bueno e André Abranches. Outros autores, alguns deles bem conhecidos por intervenções de maior fôlego na *Revista Filosófica de Coimbra*, responsabilizaram-se pelas recensões, no fim do volume: Cláudio Alexandre S. Carvalho, Marcela da Silva Uchôa, Antônio Balbino Marçal Lima e o signatário. Talvez mais importante ainda, os autores ou os temas criticamente recenseados, além de dois instrumentos de trabalho (no âmbito da filosofia em Portugal e no da bibliografia), Rudolf Steiner, António Marques sobre Hannah Arendt, Luís Umbelino e Nuno Sousa Vieira. Ainda que tão brevemente quanto possível, detenhamo-nos sobretudo na apresentação dos artigos. O estudo da rejeição da filosofia política, por Abravanel, é um contributo justamente equacionado no âmbito da questão mais alargada que lhe confere legibilidade, uma dada rejeição da filosofia racionalista do judaísmo medieval, e o intérprete, que fala, a propósito, de “antipolítica”, fez também devido jus ao tema ao não ignorar o diálogo, sempre capital, com Moisés Maimónides, principal interlocutor da teologia mutazilita. É consabida a influência do Rabi na filosofia latina, mas é seguramente menos bem conhecida a obra do lisboeta Abravanel – é aliás escandalosa a assimetria bibliográfica entre a expressão anglófona e a lusófona – o qual, na esteira de Saadia Gaon, visará uma articulação omnicomprensiva da Torah. Muitos estudos sobre os chamados Conimbricenses têm ultimamente visto a luz. Por esta razão nem se compreendem as omissões que mancharam injustificadamente o *Dicionário* recenseado também nestas páginas. Hoje atenta-se, então, à diferença de duas propostas antropológicas oriundas desse círculo, o que significa que a maturidade da investigação já nos não permitirá mais falar dele como se de um bloco unitário se tratasse. De filósofo que marcou iniludivelmente o século passado Heidegger – e neste caso a sua categoria “por mor de si” – continua a concitar aqueles que se dedicam às categorias existenciais (veja-se a recente publicação da colecção e-QVODLIBET in [http://www.uc.pt/fluc/uidief/colecoes\\_eqvodlibet](http://www.uc.pt/fluc/uidief/colecoes_eqvodlibet)) – mas o intérprete que este fascículo da *Revista Filosófica de Coimbra* acolhe vai mais longe e mais fundo, na sua análise, procurando ver naquela categoria uma das concretizações da pergunta “que é a filosofia?”. A teoria política de dois pensadores brasileiros, cujos nomes atrás citámos, são objecto de estudo nas páginas a seguir, uma tentativa de reconstrução das “vias de conexão autoritária do pensamento social brasileiro”, sua ligação ao golpe de Estado militar e ao comprometimento da cultura política democratizante, páginas escritas porém debaixo de uma hipótese e de uma “preocupação”, a de uma “possível reedição do discurso autoritário e ditatorial pela via da reconstrução metódica e interessada da crítica às instituições parlamentares”. Dificilmente

poderíamos encontrar tema mais pungentemente atual! A análise do *Tractatus Logico-Philosophicus* na história da filosofia analítica e na história da filosofia ocidental que a seguir se lerá visa saber qual é lugar dessa obra. A resposta que o autor da análise nos deixa é a de que o problema central do *Tractatus* consiste nas “fundações últimas da filosofia através da lógica, e que este desiderato retoma em novos termos as concepções modernas, que vão de Descartes e Kant, a Frege e a Russell”. Em planos muito distintos, temos, por fim, dois artigos mais, um sobre a “ontologia das plantas” (o assunto faz-nos lembrar o *De Plantis* pseudo-aristotélico), o outro sobre o “complemento ético” às intervenções terapêuticas, já em situações pessoais, já em organizações. Novamente se prova o que vimos sempre dizendo, a indiscutível sensibilidade da **Revista Filosófica de Coimbra** para os temas mais candentes e exigentes. Enquanto com aquele primeiro se articula uma interpretação ontológica do respeito aberta a uma fenomenologia dos sentidos das vidas humana e vegetal, este último, atento à mais recente multiplicação e variedade das intervenções terapêuticas, pleiteia por uma resposta apropriada à especificidade em causa: “uma ética de segunda ordem revela-se uma resposta válida à demanda de uma teoria ética apta a articular o tema da responsabilidade em ocorrências interpessoais em que estão em causa competências de um aprender a aprender.” Como sempre acontece nos fascículos que encerram cada ano, também este pôde contar com a colaboração da licenciada Helena Pinela (que se responsabilizou pelos Índice e Ficheiro de Revistas) e de D. Eugénia Gonçalves (para os aspectos administrativos). Por estas duas intervenções, a direcção da **Revista Filosófica de Coimbra** agradece à direcção da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Mário Santiago de Carvalho  
outono de 2016

(Página deixada propositadamente em branco.)